

TRABALHO, ONTOLOGIA E CONSCIÊNCIA DE CLASSE: A CLASSE "EM-SI E PARA-SI" EM GYÖRGY LUKÁCS

WORK, ONTOLOGY AND CLASS CONSCIOUSNESS: THE "IN-ITSELF" AND "FOR-ITSELF" CLASS IN GYÖRGY LUKÁCS

Rafael de Almeida Andrade¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo compreender e analisar a obra de maturidade do filósofo húngaro György Lukács denominada: *Para uma ontologia do ser social*, em especial como Lukács entende o complexo das classes sociais e o problema da consciência da classe "em-si" e o processo de superação "para-si". Nossa hipótese é a seguinte: conforme Lukács considera em sua obra, o trabalho é o complexo fundante do ser social, é por meio dele que os homens transformam a natureza em sua base material e conseqüentemente a si mesmo em uma relação dialética em um processo de teleologia e causalidade, que deriva formas cada vez mais complexas, o que torna o trabalho como modelo da práxis social. Em função dessa hipótese, nossa intenção é mostrar que o processo de consciência de classe da passagem da classe "em-si" para classe "para-si" não é um ato espontâneo, mas um processo que demanda um conjunto de mediações que, no entanto se aliena no decorrer do desenvolvimento histórico, a sociedade burguesa lança a humanidade uma contradição permanente e antagônica, entre detentores e não detentores de determinado estatuto de propriedade, entre burguesia e proletariado, bem como uma fragmentação da totalidade social.

PALAVRAS CHAVE: Ontologia do ser social. Consciência de Classe. Classe "em-si" e "para-si".

ABSTRACT: The present research aims at understanding and analyzing the work of maturity of the Hungarian philosopher György Lukács, entitled: *Toward an ontology of social being*, especially as Lukács understands the complex of social classes and the problem of the consciousness of the "in-itself" class and the process of overcoming "for-itself". Our hypothesis is that, as Lukács considers in his work, work is the founding complex of the social being, it is through him that men transform nature into its material base and consequently itself into a dialectical relationship in a process of teleology and causality, which derives increasingly complex forms, which makes the work as a model of social praxis. With this hypothesis, our intention is to show that the process of class consciousness from the passage of class "in-itself" to class "for-itself" is not a spontaneous act, but a process that demands a set of mediations that, however, is alienated in the course of historical development, bourgeois society launches humanity a permanent and antagonistic contradiction between holders and non-owners of determined property status, between bourgeoisie and proletariat, as well as a fragmentation of social totality.

KEYWORDS: Ontology of social being. Class Consciousness. Class "in-itself" and "for-itself".

INTRODUÇÃO

O proletariado é constituído na sociedade no processo de alienação do trabalho, como um ser oposto por meio do trabalho alienado, dessa forma sua existência enquanto classe "em-si", é mera aparência de sua existência. Nosso objetivo na pesquisa é demonstrar e debater a partir de Lukács o fundamento ontológico da classe "em-si" e classe "para-si" no processo de revolução e emancipação da classe trabalhadora no contexto atual da sociedade capitalista. Assim o proletariado é uma

¹ Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista - UNESP Câmpus Marília. Integrante do Núcleo de Estudos de Ontologia Marxiana NEOM/UNESP-Marília. Email: rafinha_fut9@hotmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-3291-2405>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

classe “em-si” e “para-si” na medida em que ela é objetivamente capaz de estabelecer uma alternativa histórica capaz de superar a sua própria subordinação, bem como a necessidade de subordinar qualquer outra classe, ou seja, o proletariado é a única classe que tem a possibilidade de liderar uma revolução, que tenha como premissa a emancipação de toda a humanidade da sociabilidade permeada pelo capital, o que torna o proletariado como classe verdadeiramente universal. (LUKÁCS, 2013; MÉSZÁROS, 2008; LESSA, 2013).

A partir disso como superar a abstração da sociedade burguesa de uma emancipação política para uma efetiva emancipação humana? Essa é a pergunta que norteou Lenin em “*Que fazer?*”, como superar a consciência economicista (sindical) para uma consciência política revolucionária? Para isso buscaremos as respostas em uma das principais referências do marxismo no século XX, e em uma de suas obras de maior fôlego: *Para uma Ontologia do ser social*, de György Lukács, que busca compreender a gênese do ser social, o complexo das classes sociais, e o processo de consciência de classe, para transformação da sociabilidade pautada pelo capital.

Em termos mais claros tomamos os seguintes questionamento como guia de nosso artigo: como se processa a construção de uma práxis histórica de superação da classe “em-si” e para uma classe “para-si” na atual conjuntura da sociabilidade capitalista? Através de quais mecanismos o capital tem conseguido manter a consciência do proletariado em um estado permanente de alienação-estranhamento em relação ao processo de transformação da sociedade? De que maneira a luta de classes na atual conjuntura realizada por partidos políticos de “esquerda”, sindicatos, movimentos sociais não atingem a consciência dos trabalhadores para a superação da sociedade moderna do capital?

Nossa hipótese está centrada nos mecanismos ideológicos que o capital tem lançada mão para que no seio da classe trabalhadora não haja perspectiva de transformação histórica das condições sociais. A alienação e a consciência estão sob o controle da burguesia antes mesmo dos indivíduos da classe operária buscarem nas organizações de esquerda saída para os mecanismos de exploração do trabalho e da riqueza dos trabalhadores. Outrossim, é ausência do debate revolucionário dentro das organizações de esquerda e movimentos sociais, calcado numa teoria revolucionária que venha fazer emergir elementos para a transição de que a luta de classes continua evidente e latente, principalmente em momentos de crise do capital.

TRABALHO E GÊNESE DO SER SOCIAL

O trabalho é um processo de intercâmbio entre o homem e a natureza, um processo pelo qual o homem, mediante sua própria ação pode regular e controlar seu metabolismo com a natureza. O trabalho é a forma pela qual o homem satisfaz suas

necessidades produzindo valores de uso, colocando em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade – braços, pernas, mãos e consciência – a fim de poder se apropriar da matéria prima, e que essa seja útil para satisfazer as necessidades da sua própria existência. (MARX, 1983; LUKÁCS, 2013)

Ao atuar, por meio desse movimento sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeita o jogo de suas forças e seu próprio domínio. (MARX, 1983, p. 149)

Dessa forma o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha, ou qualquer outro ser natural, é a construção prévia em sua consciência, posta em marcha pelo trabalho, ou seja, no “processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e portanto idealmente.”(MARX, 1983, p 149-150) Em outras palavras, o homem ao pré-idealizar o trabalho em sua consciência, constrói mediações da qual ele precisa para atingir determinado fim. Neste processo o homem vai objetivando no mundo concreto a transformação da matéria natural, seu objetivo idealizado, lança ao conjunto dos demais indivíduos novos conhecimentos e novas necessidades em uma relação dialética. Trata-se de pôr a consciência humana em movimento, cuja consequência de acordo com Lukács (2013, p. 291), “consiste no fato de que o trabalho e seus produtos confronta todo homem com novas tarefas, cuja execução, desperta nele novas capacidades”, resultando em “necessidades sempre novas e até aquele momento desconhecidas e, com elas, novos modos de satisfazê-las”.

A base essencial para o salto ontológico do homem para a esfera da sociabilidade está contida na necessidade de produzir a própria subsistência, isso é realizado pelo trabalho. A relação homem-natureza assume um estatuto diferente do que ocorre com outras espécies. O trabalho assume o caráter mediador, regulador da relação entre o homem e natureza, porém esse salto não representa uma ruptura com os elementos essenciais de pertencimento ao meio natural, esse vínculo se mantém, o que se modifica é relação entre as duas esferas. Na consciência humana emerge um reflexo potencializador da criação e transformação dos meios e objetivação dos fins, ao mesmo tempo, que projeta a sociabilidade humana, isto é, um ser genérico dotado de habilidades sociais impulsionado pelo trabalho, tornando-se o elemento vital.

Não é oneroso lembrar a assertivas marxiana,

Primeiramente o trabalho, a *atividade vital*, a *vida produtiva* mesma aparece ao homem apenas como *meio* para a satisfação de uma carência, a necessidade de manutenção da existência física. A vida produtiva é, porém, a vida genérica. É a vida engendradora de vida. No modo da atividade vital encontra-se o caráter inteiro de um *species*, seu caráter genérico, e a atividade consciente livre é o caráter genérico do homem (MARX, 2010, p.84, *grifos do autor*)

O trabalho torna-se nesse sentido o modelo da práxis social, que através de mediações muitas vezes complexas, sempre se realizam pores teleológico de ordem material, porém o trabalho pode servir de modelo para compreender os outros pores socioteleológicos, já que quanto ao ser, é sua forma originária.

Desse modo é enunciada a categoria ontológica do trabalho: através dele realiza-se, no âmbito do ser material, um pôr teleológico enquanto surgimento de uma nova objetividade. (LUKÁCS, 2013, p. 47)

Dessa forma Lukács está nos mostrando que toda atividade humana se dá por meio de um pôr teleológico, localizado na gênese do trabalho, em uma relação ineliminável de intercâmbio do homem com a natureza, isso que caracteriza a atividade do homem em sua gênese, como um ser que se autoproduz. (LUKÁCS, 2013)

Na esteira desse processo as ações mediatizadas participam do processo de transformação, mobilizando meios para que o produto corresponda ao fim estabelecido inicialmente. Como acentua Mazzeo:

a interação efetuada na reprodução social da vida (“material” e “espiritual”) aparece sempre mediada (no sentido da categoria da mediação – *Vermittlung*) pela ação humana materializada pelo trabalho (*Arbeit*), que visa responder positivamente a duas necessidades: as naturais e as socialmente determinadas. (2015, p.1, *grifos do autor*)

O pressuposto do processo de objetivação do homem é a condição pela qual ele pode responder às necessidades postas pela vida material e também subjetivas, mediante uma ação sobre a natureza ou/e também sobre uma ação social. Ao atuar sobre a natureza o homem busca a satisfação imediata de suas necessidades vitais, porém com os desdobramentos sobre a sociabilidade pela qual se organizarão para produzir e reproduzir sua própria existência, esse fato vai diferencia o homem dos demais animais presentes no mundo natural. Como meio regulador da relação homem-natureza, o trabalho, conforme Marx (1984, p. 150), é em primeiro lugar, “atividade orientada a um fim, ou o trabalho mesmo”; em segundo lugar e terceiro, “seu objeto e seus meios”. Na necessidade de produzir a própria subsistência os homens interagem entre si estabelecendo relações de produção que por sua vez, são relações sociais. No âmbito da sociabilidade, ação destinada a interferir na consciência e por sua vez modificar a ação de outros homens constitui um processo teleológico mediado por relações entre si e com o meio natural. Essa ação social de intervenção dos homens na realidade concreta se constitui, ao mesmo tempo uma causalidade, circunscrita por uma práxis historicamente determinada, ou seja, por meio de uma intervenção ideada constituída por uma teleologia inerente a ação (causalidade), construindo assim uma “forma de agir que traz

em seu conteúdo intrínseco um determinado nível (histórico) de apreensão da realidade objetiva pela consciência humana.” (MAZZEO, 2015, p. 02)

É inevitável na investigação das mudanças ontológicas, o que provoca o salto do homem da esfera de ser biológico ao ser social, para isso, portanto devemos compreender a conjunção ontológica de teleologia e causalidade posta, uma vez que o novo que surge no sujeito é resultado imanente dessa relação categorial. Portanto quando observamos que o ato decisivo do sujeito é seu pôr teleológico e a realização desse no mundo concreto, fica-nos evidenciado o surgimento de uma práxis caracterizada pelo “dever-ser”. Assim toda práxis social, se consideramos o trabalho como seu modelo fundante, carrega em si um caráter contraditório. De um lado, a práxis fundada primariamente pelo trabalho envolve uma decisão do sujeito diante de diversas alternativas postas, pelas condições encontradas no meio natural ou mediante as condições sociais sumariamente apresentadas em cada momento histórico. De outro entender que todo indivíduo singular, pode e deve decidir se faz ou não determinada ação tendo em mira os fins postos, as condições materiais de realizações e/ou subjetivas e os meios necessários é de suma importância. Portanto, no âmbito da esfera da sociabilidade, todo ato social sugere definições de posições teleológicas com determinados fins futuros. Porém as necessidades sociais se afirmam por meio de pressão que esses indivíduos sofrem, a fim de que as decisões desses indivíduos tenham uma determinada orientação. Lukács ressalta essa orientação, já expressa em Marx: quando afirma que os homens são arremessados pelas circunstâncias a agir de determinado modo. (LUKÁCS, 2013; 1978)

o fim vem (na consciência) antes da sua realização e, no processo que orienta cada passo, cada movimento é guiado pelo pôr do fim (pelo futuro). Sob esse aspecto, o significado da causalidade posta consiste no fato de que os elos causais, as cadeias causais etc., são escolhidos, postos em movimento, abandonados ao seu próprio movimento, para favorecer a realização do fim estabelecido desde o início. (...) Do ponto de vista do sujeito, esse agir determinado a partir de um futuro definido é exatamente um agir conduzido pelo dever-ser do fim. (LUKÁCS, 2013, p. 99)

Nesse sentido, o trabalho é um ato de pôr consciente, como já vimos. No que diz respeito ao dever-ser no trabalho, determina não só o seu comportamento no trabalho, mas seu comportamento em relação a si mesmo, enquanto sujeito do processo de trabalho. Este, no entanto, é um processo entre homem e natureza, seu caráter ontológico essencial. Na esfera societal os indivíduos também podem agir sobre as causalidades postas em movimento que se relacionam socialmente a partir do fim postos anteriormente. Dessa forma, como assegura Lukács, a constituição de um fim posto do objeto e dos meios, também determina a essência do comportamento subjetivo, o que promove certas qualidades dos homens, e que mais tarde serão de grande importância para formas da práxis mais desenvolvidas. (*Ibidem*, 2013).

A CLASSE “EM-SI” E “PARA-SI”

Pois bem, o antagonismo social produz o proletariado como classe “em-si” e “para-si”, uma classe que em sua essência, pertence tanto a sociedade de classes, quanto se opõe a essa sociedade, o que gera a sua negação efetiva contra a dominação de uma classe, e que dessa forma necessita tanto da sua auto-extinção como o estabelecimento de uma nova sociedade sem classes. Isto posto, é fundamental que para uma consciência de classe propriamente revolucionária, é compreender as inter-relações, ou seja, os traços do sistema global do capitalismo, compreender todas as mediações entre os diversos complexos sociais. (MÉSZÁROS, 2008).

Com a divisão do trabalho temos um processo elementar do desenvolvimento do próprio trabalho, que se constitui como consequência de pores teleológicos singulares de homens singulares, porém uma vez existentes, defronta-se com homens singulares na forma de poder social, tal poder assume em relação a eles um caráter autônomo de ser, embora esse tenha surgido dos seus próprios atos de trabalho e o dever-ser. Contraditoriamente, temos nesse processo dois complexos cindidos que diferenciam com nitidez a sociedade originalmente unitária: a divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual e a divisão entre cidade e campo, que ininterruptamente se cruzam com o surgimento de classes sociais e os antagonismos de classes. (LUKÁCS, 2013).

Com o surgimento e a diferenciação social de nível superior, com o surgimento das classes sociais com interesses antagonísticos (escravos e senhores, senhores feudais e servos, e a que nos cabe nesse momento do texto o proletariado e burguesia), o pôr teleológico tornam-se o que o marxismo vai denominar de ideologia. Com os conflitos de classe manifestados pelas contradições das modalidades de produção mais desenvolvidas, a ideologia produz formas através das quais esses homens tornam-se conscientes desse conflito e neles se inserem mediante a luta, ou no caso da ideologia dominante, produzir a mistificação da realidade e manutenção da dominação (LUKÁCS, 1978).

O caminho até a primeira divisão está contido, em germe, já na mais primitiva divisão do trabalho: os pores teleológicos necessários assumem, como vimos, duas formas: pores que buscam realizar a transformação de objetos da natureza (no sentido mais amplo possível da palavra, incluindo, portanto, também a força da natureza), visando realizar fins humanos, e pores que se propõem a exercer influência sobre a consciência de outros homens, visando levá-los a executar os pores desejados. (LUKÁCS, 2013, p. 180)

Quanto mais o trabalho se desenvolve e com ele a divisão do trabalho, mais autônomos são os pores teleológicos secundários (ideologia), assim quanto mais autônomo são os pores teleológicos secundários, mais se desenvolve como complexo da divisão do trabalho. No plano social, com o surgimento das classes sociais, os pores

dessa espécie podem ser colocados de forma espontânea ou institucional a serviço da dominação sobre aqueles oprimidos. (LUKÁCS, 2013)

A reprodução social de fato se realiza, em última análise, nas ações dos homens singulares – a realidade do ser social se manifesta de modo imediato no homem –, mas essas ações a serem realizadas forçosamente se encaixam uma na outra para formar complexos de relações entre os homens, que tendo surgido, possuem certa dinâmica própria, isto é, não só existem, se reproduzem e se tornam socialmente operativos independentemente da consciência dos homens singulares, mas também proporcionam impulsos mais ou menos, direta ou indiretamente, decisivos para as decisões alternativas. (Ibidem, 2013, p. 180)

Com os desdobramentos da divisão do trabalho, transpassa-se para sua forma histórica mais importante, o processo de formação das classes sociais e sua diferenciação. Onde sua origem reside no valor de uso específico, gradativamente surgido, da força de trabalho, capaz de produzir mais do que é necessário para sua reprodução. Essa diferenciação de classe “é o desenvolvimento da produção, de suas formas e limitações específicas, que determina o tipo da diferenciação de classe, da função social e da perspectiva das classes.” (LUKÁCS, 2013, p. 183)

As relações de produção são predominantemente determinadas pela forma particular de cada modo de produção, esse é seu estatuto ontológico, dessa forma se determina as formas particulares de cada classe. Cada sociedade em particular é fundada por um modo particular de trabalho, as classes sociais existem apenas enquanto determinação reflexiva. Ou seja, do ponto de vista ontológico, cada classe social enquanto complexo social, só pode existir em certa sociedade, por essa razão, a sua existência se dá por meio de uma irrevogável relação com a totalidade da sociedade, com as forças produtivas em geral e com as demais classes dessa mesma sociedade. De certa forma, isso nos mostra que uma classe só existe socialmente em interação prática com as demais classes. (LUKÁCS, 2013)

Marx (2007, p 154) apud Lukács (2013, p. 184):

As condições econômicas tinham a princípio transformado a massa da população do país em trabalhadores. A dominação do capital criou para essa massa uma situação comum, interesses comuns. Assim essa massa já é uma classe diante do capital, mas não o é para si mesma. Na luta (...), essa massa se reúne, se constitui em classe para si mesma.

Dessa maneira, o proletariado se forma como classe “em si”, isto é, como produto das determinações objetivas. Marx indica que a condição do “em si” e “para si” se relaciona com conjunto das relações de produção e das contradições que daí emerge, isto é, da luta entre capital e trabalho. Lukács (2013) ressalta, que por mais que as

classes formem complexos sociais singulares, determinados economicamente objetivos dos modos de produção, esses complexos sociais, existem em relações e referências recíprocas.

De fato podemos constatar que as questões objetivas determinam objetivamente as relações entre os complexos de classes antagônicas, e que essas se formam “em-si” como produto objetivo, investigando sempre de modo concreto as posições ontológicas do pensamento: “nas conexões do ser, das relações do ser, das mutações do ser etc. que ocorrem no âmbito do ser social.” (p.186). O movimento do ser social, e o desenvolvimento das classes sociais e de sua relação recíproca nos mostra a tendência que tentamos demonstrar até o momento: “o caráter cada vez mais social do ser e de suas relações” (LUKÁCS, 2013, p. 187).

O problema da classe “para-si” desenvolve-se a partir do “em-si” o que nos indica que o “ente objetivo da classe origina-se das relações de produção concretas.” (LUKÁCS, 2013, p 184) O proletário, entretanto é simultaneamente, pela sua posição de classe subordinada em relação à burguesia, o que constitui o antagonismo irreconciliável da sociedade capitalista. (MÉSZÁROS, 2008)

Quando se fala de classes revolucionárias, o que importa, antes de tudo, é dar relevo a divisão entre classe em si, isto é, a classe confrontada com a classe dominante, e a classe para si mesma. (LUKÁCS, 2013, p. 521)

A consciência proletária é, portanto, a consciência do trabalhador de seu ser social “encaixado” em um antagonismo necessário do próprio metabolismo do capital, “em oposição à contingência de grupo que percebe somente parte mais ou menos limitada da confrontação global.” (MÉSZÁROS, 2008, p 72) A necessidade do reconhecimento da contradição entre o “ser” e a “existência” do proletariado traz consigo a tarefa de superar o abismo entre a consciência de grupo e a consciência de classe, ou seja, transcender os limites da consciência econômica de grupos determinados de trabalhadores em direção a uma consciência global de seu ser social. (MÉSZÁROS, 2008) Aquilo que Lenin se depara no processo revolucionário russo: estamos de “acordo que é preciso desenvolver a consciência política da classe operária. A questão que se coloca é como fazê-lo e o que é necessário para isso.” (LENIN, 2015, p 134) O desenvolvimento da consciência da classe “para-si” é um processo dialético, através da realização das mediações necessárias de uma atuação autoconsciente.

o erro capital de todos os “economistas”, a saber: a convicção de que se pode desenvolver a consciência política de classe dos operários, por assim dizer, *a partir do interior* da sua luta econômica, isto é, partindo unicamente (ou, pelo menos, principalmente) dessa luta, baseando-se unicamente (ou, pelo menos, principalmente) nessa luta. (...) A consciência política de classe não pode ser levada ao operário senão do exterior, isso

é, de fora da luta econômica, de fora da esfera das relações entre operários e patrões. A única esfera de onde se poderá extrair esses conhecimentos é a das relações de *todas* as classes e camadas com o Estado e o governo, na esfera das relações de todas as classes entre si. Por isso, à questão: “que fazer para levar aos operários conhecimentos políticos?” – não se pode simplesmente dar a resposta com a qual se contentam, na maioria dos casos, os militantes práticos, sem falar daqueles que tendem para o “economismo (...)” (LENIN, 2015, p. 135, *grifos do autor*)

A partir da citação de Lenin, percebemos que de fato o desenvolvimento direto ou espontâneo da consciência de classe, seja por um impacto das crises econômicas ou como resultado do auto-esclarecimento individual, não passa de um sonho utópico. (MÉSZÁROS, 2008) Lukács ainda ressalta:

Desse modo, a luta imediata, na qual está em jogo o mais-valor, é inserida no grande complexo da sociedade como um todo; a politização comporta um direcionamento para a totalidade do ser social que visa a mudança prática, cujo meios espirituais só podem ser as generalizações das determinações sociais, porque só através de mediações dessa espécie os movimentos espontâneos de insatisfação conseguem se transformar em atos políticos que, sob certas circunstâncias, podem ser sintetizados numa ação revolucionária. (LUKÁCS, 2013, p. 521)

Dessa maneira as generalizações de orientação político-prática, embora seus pontos de partida sejam individuais, por estímulos intelectuais e emocionais, constituem o meio pela qual a práxis política pode extrapolar os interesses imediatos de classe (econômicos), e transformar-se em um movimento universal. (LUKÁCS, 2013) Segundo Mazzeo (2015), a relação imediata entre teoria e prática se realiza permanentemente na vida cotidiana dos homens, pelo processo de reprodução social, possibilitando dessa forma o desenvolvimento de outra relação, que se estabeleça e transforme os nexos imediatos em nexos mediados pela reflexão sobre o cotidiano, realizado em sua base material, mas ao mesmo tempo distanciada de sua imediatez mesma. Não é por acaso, que na citação anterior de Lenin ele ressalta que a consciência “vem de fora”, ou seja, em um sentido de distanciamento das relações imediatas que se estabelecem entre trabalhador e patrão, de forma que esse “de fora” seja a ligação de uma visão global (totalidade) da sociedade, que só pode ser atingida por meio da reflexão científica.

Objetivamente Lukács, restabelecendo o caráter ontológico da obra de Marx, nos coloca a dimensão para a superação da consciência debilitada pelo estranhamento, ou seja, superar os limites impostos pela vida cotidiana, necessariamente implica em apreender a realidade e superar os limites da imediatez, reorientando a ação política por meio do entendimento científico. Nos mostra com muita clareza que as grandes transformações históricas, jamais se constituem de forma mecânica, do processo de

desenvolvimento produtivo. A consequência histórica necessária do desenvolvimento econômico, pode até criar condições objetivamente revolucionárias, “mas de modo algum produz simultaneamente em conexão obrigatória com elas o fator subjetivo fática e praticamente decisivo” (2013, p. 524) e ele ainda ressalta

De modo universalmente ontológico, elas estão baseadas, em última análise, no caráter alternativo de toda resolução humana, cujo pressuposto necessário é que os mesmos acontecimentos sociais influem diferentemente sobre os diferentes estratos e, em seu âmbito, sobre os diferentes indivíduos. Contudo, só esses acontecimentos, as condições por eles criadas, podem ter uma determinidade evidentemente causal. Naturalmente cada modo de reação de todo homem singular tem a sua pré-história causal concreta; e a sua influência determinante não é nem de longe tão unívoca quanto a conexão entre dois fenômenos econômicos. (*Ibidem*, 2013, p 524,)

Portanto, a transcendência da classe “em-si”, (sua condição alienada), e o desenvolver da sua consciência alienada, como momento que impulsiona sua crítica e superação, não se realiza espontaneamente, isto é, não resulta das manifestações espontâneas da consciência produzidas pela imediaticidade da práxis cotidiana, o conhecimento da alienação requer um complexo de mediações, que exige a unidade dessa consciência espontânea produzida pelos vínculos imediatos entre teoria e prática com a incorporação de nexos mediativos elaborados pela ciência. O problema reside em ligar o “em-si” produzido na vida cotidiana pela consciência imediata, ao “para-si” construído por mediações com base na própria realidade objetiva: “toda a questão reside na busca da essencialidade das manifestações fenomênicas cotidianas.” (MAZZEO, 2015, p. 12)

O fator subjetivo da história tem papel fundamental, pois, consegue desenvolver todo potencial para enfrentar e resolver os conflitos, por um lado, a insatisfação imediata com as condições sociais concretas dadas, e a oposição contra elas, chega teoricamente a negação da sua totalidade, por outro lado, a fundamentação daí resultante não permanece mais como mera crítica da totalidade existente, mas se converte em práxis pela absorção das concepções obtidas, ou seja, “elevar a noção teórica à condição de práxis eficaz da ideologia.” (LUKÁCS, 2013, p. 523)

É inevitável na investigação das mudanças ontológicas, o que provoca o salto do homem da esfera de ser biológico ao ser social, para isso, portanto devemos compreender a conjunção ontológica de teleologia e causalidade posta, uma vez que o novo que surge no sujeito é resultado imanente dessa relação categorial. Portanto quando observamos que o ato decisivo do sujeito é seu pôr teleológico e a realização desse no mundo concreto, fica-nos evidenciado o surgimento de uma práxis caracterizada pelo “dever-ser”. Assim toda práxis social, se consideramos o trabalho como seu modelo fundante, carrega em si um caráter contraditório. De um lado, a práxis fundada

primariamente pelo trabalho envolve uma decisão do sujeito diante de diversas alternativas postas, pelas condições encontradas no meio natural ou mediante as condições sociais sumariamente apresentadas em cada momento histórico. De outro entender que todo indivíduo singular, pode e deve decidir se faz ou não determinada ação tendo em mira os fins postos, as condições materiais de realizações e/ou subjetivas e os meios necessários é de suma importância. Portanto, no âmbito da esfera da sociabilidade, todo ato social sugere definições de posições teleológicas com determinados fins futuros. Porém as necessidades sociais se afirmam por meio de pressão que esses indivíduos sofrem, a fim de que as decisões desses indivíduos tenham uma determinada orientação. Lukács ressalta essa orientação, já expressa em Marx: quando afirma que os homens são arremessados pelas circunstâncias a agir de determinado modo. (LUKÁCS, 2013; 1978)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que Lukács foi o autor que realinhou o pensamento ontológico da obra de Marx. A interpretação lukacsiana contribui de forma fundamental para a compreensão da problemática passagem da consciência “em-si” e consciência “para-si” tanto quanto da categoria da “classe em-si” e “classe para-si” da obra marxiana. Por isso, tomamos a contribuição de Lukács em sua principal obra *Para uma ontologia do Ser social* para debater essa problemática marxista e os parâmetros contemporâneos que cercam esse debate.

Dessa maneira, são os homens que a partir das condições encontradas na natureza, modificam-na através de suas ações ao longo da história. A apreensão do significado das formas de reprodução da vida representa a primeira grande formulação do materialismo histórico dialético para a compreensão da história e da consciência humana. Tanto a natureza é transformada pela ação humana mediante o trabalho, quanto este o é a categoria central da práxis na obra de Marx. Uma práxis que precisa ser emancipada porque encontrar-se reificada pelas mediações da sociabilidade burguesa. Por isso, a concepção materialista histórica-dialética visando a emancipação humana indica ser imprescindível a passagem da consciência “em si” para a consciência “para si”. (MARX e ENGELS, 2007; LUKÁCS, 2013)

A sociedade e o homem, historicamente constituídos, transformam e são transformados a partir do atendimento de suas necessidades, estabelecem, portanto, uma reciprocidade tanto social quanto histórica, o que faz do homem um ser social e histórico. Isso significa um afastamento constante das barreiras naturais, entretanto, não seu rompimento, pois seu vínculo ontológico com a base orgânica e inorgânica continua, numa outra escala é verdade. Na necessidade de produzir os meios de vida, os homens fazem história, ao mesmo tempo, que é um intercâmbio com a natureza. Tanto

a natureza é modificada pela ação do trabalho humano quanto o homem se modifica no ato de produção de sua vida. A sociabilidade humana emanada da relação dialética da existência produz um conjunto de saberes e desenvolve habilidades humanas potencializadoras do salto ontológico. A condição para a existência humana se encontra no vínculo ontológico com a natureza que, por sua vez, passa pelas mediações da sociabilidade edificadas pelas relações que os homens estabelecem na reprodução social. Surge, como indica Lukács (2012) na totalidade social, o complexo de complexos na medida em que as forças produtivas se desenvolvem, contraditoriamente, a para que o indivíduo se integre ao gênero humano é necessário mobilizar um conjunto de mediações que dependem também da sociedade em que estes indivíduos se encontram e seu grau de desenvolvimento tanto das forças produtivas como ideológicas.

REFERÊNCIAS

- ENGELS, Friedrich. Comentários sobre a contribuição á crítica da economia política de Karl Marx In: MARX, Karl. **Contribuição** à crítica da economia política. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- KONDER, Leandro. **Marxismo e alienação Contribuição para um estudo do conceito marxista de alienação**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- LENIN, Vladimir. **O Estado e a Revolução O que ensina o marxismo sobre o Estado e o papel do proletariado na revolução**. São Paulo: Expressão popular, 2010.
- _____. **Que fazer? Problemas candentes do nosso movimento**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- LESSA, Sergio; TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- LESSA, Sergio. Lukács, trabalho e classes sociais in: DEL ROIO, Marcos (Org). **György Lukács e a emancipação humana**. São Paulo: 2013, P. 59-72.
- LESSA, Sergio; TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- LUKÁCS, G. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem. São Paulo: **Revista Temas**, v4, P. 1-19, 1978.
- _____. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- _____. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl. **O Capital O Processo de Produção do Capital (Volume I Tomo I)**. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1984.
- _____. Emancipação política e emancipação humana in: NETTO, José Paulo (Org) **O leitor de Marx**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2012. P. 49-72.
- _____. **Sobre a questão Judaica**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- _____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- _____. **Para a Crítica da Economia Política; Salário, preço e lucro; O rendimento e suas fontes: a economia vulgar**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

_____. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. **Miséria da filosofia Resposta à Filosofia da miséria, do Sr Proudhon**. São Paulo: Expressão Popular, 2009

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, István. **Filosofia, ideologia e ciência social**. São Paulo: Boitempo editorial, 2008.

MAZZEO, Antonio Carlos. **Consciência e mediação no pensamento Marxiano – notas aproximativas**. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2015/mesas/Antonio%20Mazzeo.pdf> . Acesso em 07 de Agosto de 2017

NETTO, José P. Introdução in: NETTO, José Paulo (Org) **O leitor de Marx**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2012. P. 7-35.

Recebido: 03/06/2018

Aceito: 15/08/2018

